



**“ESCRITOR NÃO TEM SEXO OU MELHOR TEM OS DOIS”:** A MULHER E  
A ESCRITA LITERÁRIA NAS CRÔNICAS LITERÁRIAS DE CLARICE  
LISPECTOR

Maria Elenice Costa Lima Lacerda (UFRJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende, a partir da crônica “A entrevista alegre”, do livro *A descoberta do mundo* (1999), de Clarice Lispector, abordar questões acerca da autoria e da representação feminina, dialogando com os estudos sobre: o *desnudamento ficcional*, estipulado por Iser (1996); a mulher e a escrita clariceana. De modo geral, pode-se concluir que a crônica em estudo ajuda a compreender as construções da *persona* Clarice e dos temas que circulam em sua obra.

**Palavras-chave:** Feminino; Escritura; Gênero; Literatura


### **Palavras Iniciais**

Não há como negar que a escrita de Clarice Lispector, mesmo quando aparentemente simples, amplia significados e desperta reflexões acerca de problemáticas que, de tão comuns no cotidiano, são tomadas como naturais ou menores ou insignificantes. É geralmente assim que a autora consegue realizar em seus textos uma das atividades mais complexas: o estranhamento.

Isso me faz lembrar a fala de um professor de Literatura Brasileira com quem tive aulas durante a graduação e que um dia, ao abordar o processo de composição, falou que escrever sobre uma galinha de três pernas não era difícil, haja vista que apenas o fato de ela ter uma perna a mais já causaria impacto. Complicado mesmo era escrever sobre a galinha comum, aquela que fica no quintal de casa. Lembrei imediatamente do conto “Uma galinha” e do modo como Clarice envolve nosso imaginário de leitor e nos familiariza de tal modo com a galinha a ponto de esquecermos que ela era um animal. Domesticado, mas nem por isso humano. Tanto que no final da narrativa a galinha acaba sendo morta para servir de refeição num almoço de domingo. O que seria isto, pergunto eu, senão o que Heráclito chamava de pensar poético ou poetar pensante, manifesto na difícil arte de repensar o pensado? Este gesto reflexivo confronta diretamente a realidade, ampliando as possibilidades interpretativas do texto e comprova que o escritor atua como elemento fundamental no ato da criação, como constata Iser (1996) ao afirmar que:

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UFC), Mestra em Literatura Comparada (UFC) e Doutoranda em Literatura Brasileira (UFRJ). Contato: elenice\_ce@hotmail.com.



O texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida. Mesmo quando o texto literário não faz senão copiar o mundo presente, sua repetição no texto já o altera, pois repetir a realidade a partir de um ponto de vista já é excedê-la. (ISER, 1996, p. 11)

Esse sobejo de realidade aponta para o *desnudamento ficcional*<sup>2</sup> da obra clariciana, cuja marca crucial é a criação ou a existência de um mundo que existe enquanto discurso literário (CANDIDO, 2006, p. 250). Vale ressaltar que este procedimento percorre a sua narrativa, atinge as cartas e as crônicas e surpreendentemente é encontrado em alguns textos dos suplementos femininos. Digo surpreendentemente porque esses últimos deveriam tratar apenas de trivialidades do dia a dia das mulheres e, portanto, seriam material não ficcional. Todavia, neles é possível encontrar estratégias e temas presentes nos romances, contos, ou seja, no que é chamado teoricamente de ficção<sup>3</sup>. Tendo ciência das temáticas presentes nas narrativas que trazem à baila questões acerca do imaginário feminino, tais como: o casamento, a solidão da mulher, a maternidade, entre outras; e dá preferência a repercussão de tais acontecimentos na interioridade das personagens, fica difícil (senão impossível) acreditar que tais elementos fossem colocados ali por acaso ou de forma inconsciente. Afinal,


O ato de fingir, como a irrealização do real e a realização do imaginário, cria simultaneamente um pressuposto central que permite distinguir até que ponto as transgressões de limite que provoca (1) representam a condição para a reformulação do mundo formulado, (2) possibilitam a compreensão de um mundo reformulado e (3) permitem que tal acontecimento seja experimentado. (ISER, 2013, p.34)

É no interesse de expandir as interpretações acerca do discurso literário clariciano, atentando sobre a reformulação, a compreensão e a experimentação do conteúdo narrado, e de investigar alguns pontos considerados como elementares em seus textos

---

<sup>2</sup> Termo cunhado por Iser em *O fictício e o imaginário* (2013) ao abordar o terceiro ato de fingir – a literatura *como se*.

<sup>3</sup> A professora Nádia Batella Gotlib em palestra intitulada “O legado de Clarice Lispector”, proferida na Academia Brasileira de Letras, no dia 25 de julho de 2017, mostra alguns trechos dos suplementos literários que dialogam com a produção ficcional de Clarice. O material está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uSOha2yUNbw>



ficcionais que este trabalho escolheu refletir acerca da crônica “A entrevista alegre”, escrita em 30 de dezembro de 1967 e publicada no livro *A descoberta do mundo*.

### **Relações de alteridades**


O primeiro aspecto que me chamou a atenção foi a forma como Clarice conseguiu se apropriar do lugar de fala, pois da condição de entrevistada passou a entrevistar e numa espécie de “vingança” escreve suas impressões acerca da condução da entrevista e de Cristina, a jovem entrevistadora por quem nutriu desde o início uma certa afetividade familiar. Isso aponta para duas características interessantes de sua obra: a elasticidade que os gêneros literários assumem em sua escrita, vista na capacidade singular com que ela faz e desfaz o gênero, e a alteridade como tentativa de compreender o lugar do outro. Sobre esta última não se pode negar que:

Clarice tematiza em sua Obra muitas das formas que o outro – como inferior e excluído – tem tomado em nossa cultura. A mulher, o animal, o pobre, o louco, o primitivo, o intuitivo.

Essa legião de avatares do outro parece servir para evidenciar (...) a busca sistemática de apagamento de fronteiras entre os polos, apagamento que não os anula mas os faz coexistir. Reconstrói-se a alteridade não como aquilo que se exclui ou recalca mas, ao contrário, como condição de possibilidade de construção de um *eu* que seja o avesso do outro. (PONTIERI, 1998, p. 28-29)

É nessa constante busca pelo outro que está o ponto crucial da escrita de Clarice, pois é através da descrição dos sentimentos, pensamentos e até mesmo das ações das personagens que ela demonstra as idiossincrasias que revestem o seu próprio eu. É no outro que ela se afirma e se reconhece enquanto sujeito. É no outro enquanto leitor comum, crítico literário ou entrevistador que está assegurado o seu *status* de escritor, pois é da/na tríade autor, obra e leitor, conforme assinala Antonio Candido, que o sistema literário se compõe.

Nesse compromisso com o fazer literário, mesmo negando ser escritora profissional, mas tendo consciência do lugar de prestígio que ocupa, busca responder as indagações de Cristina. Entretanto, insatisfeita com o resultado final, por considerar que saiu vulgar, mas não apenas por isso, pois ao alegar: “Não me parece que eu seja vulgar. E nem tenho olhos azuis”, transparece o sussurrar de uma queixa. Então, por isso resolve descrever aos seus leitores como tudo aconteceu. É nessa tentativa que acaba




tornando-se *persona* do seu próprio discurso e modificando “a ordem natural das coisas”, tal como vez ou outra acontece em seus contos e romances.

É nessa subversão que ao ser indagada se se considera uma escritora brasileira ou simplesmente escritora, reage:

Respondi que, em primeiro lugar, por mais feminina que fosse a mulher, esta não era uma escritora, e sim um escritor. Escritor não tem sexo, ou melhor, tem os dois, em dosagem bem diversa, é claro. Que eu me considerava apenas escritor e não tipicamente escritor brasileiro. Argumentou: nem Guimarães Rosa que escreve tão brasileiro? Respondi que nem Guimarães Rosa: este era exatamente um escritor para qualquer país. (LISPECTOR, 1999, p. 59)

Desde a juventude a nacionalidade brasileira foi perseguida por Clarice. Foi em busca dessa nacionalidade que ela chegou a escrever carta para o então presidente Getúlio Vargas expondo os motivos pelos quais fazia jus de ser naturalizada brasileira. No entanto, diante de uma questão maior, ela prefere assumir a universalidade e preconiza o fim das identidades fixas de gênero. Afinal, o termo escritor ali está sinalizando exatamente para tratamento universal que deve ser dado a este sujeito, além é claro de sinalizar o constante apropriar-se do outro, seja este feminino ou masculino, realizado por ele. Do mesmo como se posicionou Cecília Meireles no poema “Motivo” ao declarar: “não sou alegre nem triste, sou poeta”. Embora, a obra de Clarice contemple, em sua maioria, as nuances, desdobramentos e deslocamentos do feminino, uma vez que desde quando lança seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, aos dezessete anos, evidencia o gauchismo do Ser mulher, numa sociedade essencialmente patriarcalista, a partir do uso do fluxo da consciência. Nessa reflexão acerca do entrosamento entre a literatura e a mulher é sempre bom lembrar das condições desiguais entre os sexos, tão bem abordadas por Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (1994), e nem tão pouco esquecer que:

Enquanto os discursos masculinos sobre a feminilidade construíram uma espécie de Eu Ideal apontando para o que as mulheres deveriam ser, alienando-as num lugar de puro desejo do Outro, ou ao olhar de outros que só viam nelas a projeção de seus próprios desejos, a escrita feminina foi constituindo Ideais do Eu a partir de multiplicidade de vozes que tentam dar conta da experiência cotidiana das mulheres, em crise com o modelo vitoriano de feminilidade. De forma mais reflexiva, a mesma literatura que apontava o amor como a maior



realização da vida feminina, dava conta da pobreza e da frustração que advinha de se jogar todas as fichas da vida no casamento, e revelava o desejo ainda disforme de muitas mulheres, de se tornarem sujeitos de sua própria vida, autoras de suas aventuras pessoais, em consonância com os ideais de liberdade individual que a modernidade há muito tempo vinha oferecendo aos homens. (KEHL, 1998, p.117-118)


Ao mesmo tempo em que recria essas aflições cotidianas da mulher, ao ser indagada sobre o que mais importava: se a maternidade ou a literatura, Clarice primeiro revela que perguntou a si mesma que se tivesse que escolher uma delas, o que escolheria, e chegou a simples conclusão: “eu desistiria da literatura. Nem tem dúvida que como mãe sou mais importante do que como escritora” (LISPECTOR, 1999, p. 60). De fato, notamos que a relação mãe *versus* filhos atravessa a obra clariciana, principalmente nos contos que tratam das relações familiares e abordam os laços afetivos. Também, não podemos esquecer que foi para satisfazer aos filhos que ela escreveu cinco livros infantis.

Do mesmo modo, é revelador quando se depara com o seguinte questionamento: “O crime não compensa. A literatura compensa? De jeito nenhum. Escrever é um dos modos de fracassar. Cristina se surpreendeu, perguntou-me então porque eu escrevia. E eu não soube responder” (LISPECTOR, 1999, p. 60). Essa ausência de resposta demonstra uma das posturas de Clarice enquanto escritora: não responder a todos os questionamentos; não fechar, mas sim manter as possibilidades numa incessante tentativa de exprimir o inexprimível, mas não com palavras e sim com a imaginação do leitor. Esse aspecto é constantemente encontrado nos textos ficcionais claricianos, como pondera Maria Helena Falcão Vasconcellos:

A escrita-pensamento de Clarice é uma perseguição inalcançável de dizer o real, de se aproximar do real, de lhe captar o “quid” inapreensível. Clarice não pretende dizer extensivamente o real, ela o diz em intensidade, num esforço desesperado de dizer o indizível.

A escrita de Clarice persegue o sussurro dos interstícios para dar-lhe língua. É pela escrita que Clarice se aproxima da estranheza inóspita do mundo e faz dessa aproximação um abrigo de palavras, um ensaio de sentido. (VASCONCELLOS, 2007, p. 128-130)

É neste sentido que ela se sente engajada, pois como considera “Tudo o que eu escrevo está ligado, pelo menos dentro de mim, à realidade em que vivemos. É possível que este meu lado ainda se fortifique mais um dia. Ou não? Não sei de nada. Nem sei se



escreverei mais. É mais possível que não” (LISPECTOR, 1999, p. 61). E como negar a vinculação dos textos de Clarice ao mundo real? Como fugir do drama da linguagem existencial que mais parece a realização da vida humana?

No final da entrevista ela convida Cristina para jantar, mas diz que este não será um jantar diplomático, apesar de Clarice ser esposa de diplomata e de Cristina também ser noiva de um, pois terá que acontecer na copa uma vez que ela não tem a campainha para chamar aos empregados, pois esquece de comprar e a amiga que prometeu dar-lhe uma de presente esquece de levar.

A necessidade de expor esses detalhes da entrevista, que salientam a intimidade da escritora, parece advir da vontade de ser vista como uma mulher comum: dona de casa e mãe de dois filhos. Contudo, poucos têm o talento necessário para perspectivar o real.

### **Das considerações finais**

Na crônica em estudo, Clarice Lispector mostra a sutileza de seu modo de enxergar o mundo e as relações que a cercam, fazendo-nos perceber os múltiplos papéis desenvolvidos por ela. Aliás, não se pode esquecer que, assim como autora, a mulher clariciana é parte do comum, do dia a dia. Afinal, é através da excentricidade de sua escritura que ela consegue não apenas imaginar a mulher do cotidiano, mas transpô-la às artimanhas do imaginário do leitor. As crônicas de *A descoberta do mundo* são basilares na construção da *persona* Clarice, de seu modo de lidar com as questões centrais em toda a sua obra, como por exemplo, a condição humana.

### **Referências bibliográficas**


CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 5. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Tradução de Johannes Kretschmer. v. 1. São Paulo: 34. ed., 1996.

\_\_\_\_\_. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma Antropologia Literária*. 2ª edição revista. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago ed., 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.



PONTIERI, Regina Lúcia. *Clarice Lispector uma poética do olhar*. Ateliê editorial. São Paulo, 1999.

VASCONCELLOS, Maria Helena Falcão. “A escrita de Clarice Lispector gagueja o indizível”. In: *Cerrados: revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2007. Tema especial: Literatura e presença: Clarice Lispector. Vol. 16, N. 24 (semestral).

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, 1994.